

ESPAÇO MIMÉTICO E ESPAÇO DIEGÉTICO EM COLÔNIA CECÍLIA DE RENATA PALLOTTINI

Josiane TEIXEIRA*

Aristóteles distingue, dentro da ficção, dois modos de imitar: imitar contando, como faz o relato narrativo, ou apresentar todas as personagens como se estivessem a agir, em ação, que é função da poesia dramática. O autor vê a diegese como uma variedade de mimesis, com uma diferença no grau de representação, desde o relato dos acontecimentos até à forma mais mimética do discurso em que se relata algo a outrem.

Em teatro, a ação pode situar-se na perspectiva da virtualidade e da retrospectiva; neste caso o acontecimento não se dá em cena, a ficção é então narrada. As palavras contam o que se passa neste não-representado, mas que podemos imaginar. É a invasão da diegese na mimesis que se dá por intermédio da personagem.

Atualmente, Issacharoff diz que no caso da narrativa, o espaço romanesco é unidimensional no sentido que ele é expresso e transmitido por uma única forma, a da linguagem. Em compensação, o espaço teatral é muito mais complexo, pois podem existir vários lugares distintos; o espaço teatral constitui uma série de sistemas de comunicação visual: o cenário, os acessórios, a indumentária, a iluminação, os gestos e movimentos do ator, etc. O primeiro corresponde ao que se chama de **espaço diegético** por ser mediado pela linguagem verbal e não por signos visuais e o segundo, de **espaço mimético** por acontecer em cena e ser percebido pelo público sem mediações.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP.

1. SÍNTESE DA PEÇA: COLÔNIA CECÍLIA (RENATA PALLOTTINI)

1890. Chegavam ao Brasil, no município de Palmeira, interior do Paraná, um grupo de imigrantes italianos vindos, na sua maioria, de Gênova. Vinham para fundar uma colônia que se chamaria Cecília, motivados por Giovanni Rossi, conhecido como filósofo ácrata. Além dos poucos pertences traziam principalmente um sonho, um ideal: desejavam uma vida diferente, onde não houvesse patrão e pudessem viver sem comando, sem ordens. Esses colonos eram representantes do Anarquismo, sistema que defendiam e pelo qual teriam trabalho e amor livres na colônia.

Inicialmente, enfrentaram muitas dificuldades sem desanimar. Muitos não conheciam o sistema anarquista profundamente e até acabaram abandonando a colônia. Outros nunca tinham tocado numa enxada e muito menos sabiam arar a terra para o plantio. Resolveram plantar o milho, que se tornou a principal fonte de renda na colônia. Logo depois construíram o moinho, símbolo de prosperidade para eles. Os homens trabalhavam no campo e as mulheres faziam o serviço de casa. Todos sonhavam em ter casa, roupas boas e comida farta na mesa.

Depois da inauguração do moinho, a plantação de milho aumentou e começaram a vendê-lo nas cidades vizinhas. José era o responsável pela venda do milho e pela contabilidade da colônia, mas resolveu deixá-la para viver do comércio em Palmeira. Mesmo assim continuou responsável pelo serviço comercial da colônia.

Às vezes, esses colonos sentiam saudades da terra natal. Apesar disso viviam num clima festivo, eram alegres e gostavam de cantar. Tudo caminhava relativamente bem, até que alguns fatores começaram a atrapalhar a vida calma da colônia: a geada, o crupe, a falta de dinheiro, a cobrança de impostos. Assim, foram caminhando até o momento em que tiveram que pagar impostos ao governo pelas terras onde fundaram a colônia. Era difícil, pois não tinham dinheiro nem mesmo para o básico. A comida estava escassa e não era suficiente para todos. Resolveram vender a plantação de milho que os sustentava e com esse dinheiro pagariam os impostos e resolveriam a maioria dos problemas. O milho foi vendido mas o dinheiro da venda não chegou à colônia. José fugiu com ele. Inconformados, perceberam que era chegada a hora da partida. Destruíram o moinho e com ele o sonho de prosperidade. Juntaram seus pertences e seguiram seus caminhos. Era o fim, e juntamente com a Colônia Cecília ficou a Utopia de um povo que lutou por uma vida digna, por um Ideal.

2. ESTRUTURA DA PEÇA

A peça *Colônia Cecilia* é composta por 34 cenas de extensão desigual; praticamente cada cena tem sua unidade própria. Toda a peça se passa num único espaço, a colônia Cecilia, entre os anos de 1890 e 1894. No espaço mimético ocorre toda a movimentação das personagens e todas as mudanças de cenário que podem ser vistas diretamente pelo espectador. Os fatos que não podem ser vistos pelo espectador, que fazem parte do espaço diegético, passam a ser conhecidos do público pelo discurso das personagens. Na peça, o discurso das personagens acontece de diferentes formas: poesias, textos narrativos e canções. Selecionamos os textos narrativos que constituem o espaço diegético, para um estudo segundo a teoria de Issacharoff.

Entramos no espaço dramaturgico que é de duas espécies: cênico e extra-cênico, isto é, mimético e diegético. Como já vimos o primeiro é representado em cena sem mediações e o segundo é mediatizado pela linguagem verbalizada e não visualizada.

Na peça *Colônia Cecilia* temos quatro narrativas que pertencem ao espaço diegético e que são trazidas para o espaço mimético pelo discurso das personagens para conhecimento do público.

Assim temos:

Eles saíram de Gênova, possivelmente no navio "Cidade de Roma", no começo do ano 1890. A terra tinha sido prometida a Giovanni Rossi, também chamado Córdias, pelo Imperador Pedro II, num estrondo em Milão.

Chegaram ao Brasil, no outono de 1890. Alguns homens e uma única mulher. A experiência que Rossi tinha de comunidades vinha da Itália. Na região de Cremona, Córdias e outros companheiros tinham fundado, a CITADELLA, que também durou pouco. Córdias tinha escrito em 1878 um opúsculo que se chamava "Uma comuna socialista"- esboço semiverídico; os protagonistas da experiência eram o próprio Rossi, um amigo, e uma moça que o autor chama de Cecilia. E vem daí o nome da colônia paranaense. Um nome de amor. Córdias é a abertura superior do estômago: está situado perto do coração. Esse foi o pseudônimo escolhido por Giovanni Rossi: alguma coisa que, fazendo parte do estômago, sendo

a sede da fome, não esquece o coração. (Pallottini, 1987, p. 22)

Essa primeira narrativa diz respeito a um *Intermezzo Didático*, ou seja, informar de onde os imigrantes italianos vieram, como e a época que chegaram ao Brasil. Explica sobre a formação da colônia e sobre seu principal representante, Giovanni Rossi. É produzido por uma Atriz que se encontra no espaço mimético e narra esse fato, do espaço diegético, para informar o público sobre um fato que ele não teria conhecimento somente pela representação.

Te faço saber, agora que tenho um portador que retorna à Itália, que estou bem de saúde e assim espero de todos vocês. Minha cara irmã e cunhado, tenho satisfação em contar que chegamos a esta colônia chamada Cecília, no Paraná, Brasil, em abril deste mesmo ano de 1890. Mal sabíamos nós que, neste meio tempo tinham criado uma república, afastando o Imperador que dera terras a Cárrias! Enfim, são coisas.

Chegamos sem nada além de nossa poucas roupas e muito pouco dinheiro de uma subscrição que lembrarás, feita ainda aí. O campo é limpo, sem plantações e cortado por um pequeno rio, onde nos banhamos e lavamos. É outono, e de noite é fresco, não demais, porém. Não tínhamos de que comer, e passamos muitos dias - até semanas - comendo unicamente do fruto dos pinheiros - o pinhão - parecido com os nossos "pignoli", que é muito bom e nutritivo, mas que constribe os intestinos. Plantamos, mas temos que esperar um pouco, antes de podermos colher os primeiros frutos, o milho, por exemplo.

Por isso, minha cara irmã e cunhado, tenho que dizer-te que o teu irmão padeceu de fome, mais do que já tinha sofrido por aí. (Pallottini, 1987, p. 27)

Essa é a segunda narrativa e corresponde à carta de um integrante da colônia aos parentes que ficaram na Itália, especialmente a irmã e o cunhado. No espaço mimético a carta, lida por Alfio, conta a sua história e a de alguns companheiros sobre suas dificuldades e a saudade que sentem da terra natal.

Sou Pierro Fortunaso e venho de Vêneto. Tenho que lhes contar que aqui se está mal e que me arrependo de ter

vindo, iludido pelas promessas e pelas belas palavras do Rossi. Aqui se morre de fome e se deve estar no campo, fora de casa, com as bestas. E quando se tem uma casa, é daquelas que, na Itália, não se vai dentro nem para cagar. Fomos trabalhar para patrão, e é, de manhã feijão, meio dia feijão, de noite feijão. Vinho não existe e te dão aguavita, mas fede e tem um gosto muito ruim. Aqui se pega os bichos de pé, que são como as formigas na Itália e não tem um colono que não pegue os bichos de pé e se não cura, fazem muito mal, e já teve gente que morreu disso, e das bicheiras na cabeça.

Eu, se posso, dentro de um ano, volto para a terra, mas antes escapo para Montevidéu ou Curitiba...(Pallottini, 1987, p. 28)

A terceira narrativa está centrada no depoimento de Pierro, cuja narração cabe ao próprio ator. Nesse relato, de caráter explicativo, ele conta ao público e aos outros personagens sua vida e, principalmente, seu arrependimento de ter vindo para o Brasil na tentativa de uma vida melhor.

Sou Lorenzo Martino, de Rovigo. Era tipógrafo na minha terra, mas aqui me vi obrigado a trabalhar na terra. As idéias sim, eu tenho, mas na realidade não encontrei na América o bem que pensava e poder mandar alguma coisa para minha mãe e irmãs, estive sempre em desvantagem. Os que entendem, mais dizem do ideal e tudo, mas sei que a minha mãe espera tanto de mim e assim não pude contribuir. Os imigrados são muitos, e o trabalho e a paga foram diminuindo e ainda mais se diz que é anarquista, então fogem de você como o diabo da cruz... (Pallottini, 1987, p. 69)

A quarta e última narrativa inserida no espaço mimético também diz respeito a um depoimento de um dos membros da colônia, Lorenzo Martino. Nesse relato ele conta a sua história juntamente com a de seus companheiros.

Podemos dizer que a peça *Colônia Cecilia* se situa na intersecção dos dois domínios: o da História e o da Ficção. É uma obra teatral representativa pois conta uma história cujo referencial pode ser encontrado na realidade exterior, ou seja, é anterior ao discurso. E é nesse mundo exterior

que a autora vai buscar a matéria, ou seja, os fatos que lhe servirão como meio de criação.

Alguns desses fatos não são diretamente representados pelos personagens no momento da encenação da peça; no entanto, o seu desconhecimento poderia comprometer o entendimento do público e conseqüentemente o espetáculo estaria comprometido.

Para que isso não aconteça esses fatos, pertencentes à realidade exterior, ao espaço diegético, são trazidos ao conhecimento do público pelo discurso das personagens em cena, isto é, no espaço mimético.

Concluímos, então, que a distinção fundamental entre espaço mostrado - mimético - e espaço referido - diegético - parece pertinente, pois quando coexistem, o diegético complementa o mimético.

Referência bibliográfica

PALLOTTINI, R. *Colônia Cecília*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

Bibliografia consultada

ISSACHAROFF, M. L'espace au théâtre. In _____. *Le spectacle du discours*. Paris: Librairie José Corti, 1985

OUELLET, R., GIRARD, G e RICAULT, C. *O Universo do Teatro*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.